

Juan Pablo Escobar

Pablo Escobar
O Meu Pai

Radiografia íntima do narcotraficante
mais famoso de todos os tempos

Tradução
Paulo Ramos

 Planeta



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2014, Juan Sebastián Marroquín Santos
© 2015, Planeta Manuscrito

Título original: *Pablo Escobar, Mi Padre*

Revisão: Fernanda Fonseca

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Março de 2015

Depósito legal n.º 389 853/15

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-629-5

www.planeta.pt

Ao meu filho, que me dá a força e a energia para ser
um homem de bem.

À minha amada incondicional e companheira de aventuras.

À minha corajosa mãe.

À minha carinhosa irmã.

À minha querida família.

E aos escassos amigos que transcenderam o medo.

Índice

Nota do editor	11
Apresentação	13
Capítulo 1. A traição	17
Capítulo 2. Onde ficou o dinheiro?	27
Capítulo 3. A paz com os cartéis	39
Capítulo 4. Ambição desmedida	75
Capítulo 5. As origens do meu pai	87
Capítulo 6. Nápoles: sonhos e pesadelos	115
Capítulo 7. A coca Renault	141
Capítulo 8. Excentricidades	149
Capítulo 9. Fazendo de MAS pelos amigos	155
Capítulo 10. Papá Narco	163
Capítulo 11. Política: o seu pior erro	187
Capítulo 12. Preferimos uma campa na Colômbia	205
Capítulo 13. Barbárie	237
Capítulo 14. Contos a partir de La catedral	293
Capítulo 15. Preocupem-se quando me virem a atar os ténis	329
Epílogo. Duas décadas de exílio	381

Nota do editor

Pablo Escobar, o Meu Pai talvez seja um dos projectos editoriais mais complexos em que o Grupo Planeta embarcou nos últimos anos.

Até agora pensávamos que já tinha sido tudo dito acerca do narcotraficante. Sobre ele escreveram os melhores autores, os mais conceituados jornalistas e até os seus irmãos. A vida do *capo* também já foi recriada pelo cinema.

Foi preciso esperar mais de duas décadas para que Juan Pablo Escobar, o seu filho, mergulhasse na vida que não escolheu para descobrirmos as curiosas formas do amor paternal num ambiente repleto de excessos e violência. O sem-fim de pormenores inéditos reunidos por esta investigação revela-nos uma personagem ainda mais complexa.

No entanto, não é apenas isto. *Pablo Escobar, o Meu Pai* também apresenta uma versão diferente sobre uma grande quantidade de episódios ocorridos naquela época no país (Colômbia).

Durante mais de um ano, Juan Pablo Escobar – que trocou de identidade, passando a dar pelo nome de Juan Sebastián Marroquín – e a Planeta empenharam-se na tarefa de desenvolver esta obra, que teve de ultrapassar rigorosos filtros editoriais e de fontes de informação.

Pela transcendência do tema, pelas feridas ainda abertas, pelos milhares de vítimas que ficaram pelo caminho, pelas investigações já

concluídas ou ainda em curso, é inevitável que a partir de agora *Pablo Escobar, o Meu Pai* se torne uma referência incontornável no país e noutras latitudes.

Apresentação

Passaram mais de vinte anos de silêncio enquanto refazia a minha vida no exílio. Cada coisa tem o seu tempo e este livro, tal como o seu autor, precisavam de um processo de amadurecimento, autocrítica e humildade. Só assim estaria pronto a sentar-me para escrever histórias que ainda hoje continuam a suscitar muitas interrogações na sociedade colombiana

A Colômbia também amadureceu para ouvir e por isso considerei que chegara o momento de partilhar com os leitores a minha vida ao lado do homem que foi o meu pai, a quem amei incondicionalmente e com quem, por força do destino, vivi momentos que marcaram uma parte da história da Colômbia.

Desde o dia em que nasci até ao dia da sua morte, o meu pai foi um amigo, um guia, um mestre e um bom conselheiro. Em vida, ainda lhe pedi uma vez que escrevesse a sua verdadeira história, mas não concordou: «Grégory¹, é preciso acabarmos de fazer a história para a podermos escrever.»

¹ Por vezes, Pablo Escobar tratava o filho por Grégory, numa alusão a Grigori Rasputine, personagem por quem tinha um especial fascínio. (*N. do T.*, após explicação do Autor.)

Jurei vingar a morte do meu pai, mas quebrei a promessa passados 10 minutos. Todos temos direito a mudar de ideias e desde há mais de duas décadas que vivo mergulhado em regras claras de tolerância, convivência pacífica, diálogo, perdão, justiça e reconciliação.

Este não é um livro de censuras; é um livro que apresenta reflexões profundas sobre a maneira como está desenhada a nossa pátria e as suas políticas e que tenta descobrir como é que das suas entranhas surgem personagens como o meu pai.

Respeito a vida e foi com esta atitude que escrevi este livro; a partir de uma perspectiva diferente e única na qual não tenho agenda oculta, ao contrário da maior parte dos textos que circulam sobre o meu pai.

Este livro também não é a verdade absoluta. É um exercício de busca e uma aproximação à vida do meu pai. É uma investigação pessoal e íntima. É a redescoberta de um homem com todas as suas virtudes e também com todos os seus defeitos. Contou-me a maior parte destas histórias durante as longas e frias noites do último ano da sua vida, à volta de fogueiras; outras passou-mas por escrito quando os seus inimigos estavam prestes a aniquilar-nos a todos.

Esta aproximação à história do meu pai conduziu-me a personagens que andaram escondidas durante anos e que só agora se dispuseram a dar o seu contributo para este livro, para que não pairassem nuvens sobre o meu juízo nem sobre o da editora e, sobretudo, para que nunca mais alguém herde tamanhos ódios.

Nem sempre estive ao lado do meu pai, por isso não conheço todas as suas histórias. Quem disser que as conhece todas está a mentir. Intei-rei-me de todas as memórias contidas neste livro muito tempo depois de os factos terem ocorrido. O meu pai nunca falou das suas decisões comigo, nem com ninguém; era um homem que tomava decisões por conta própria.

Das muitas «verdades» do meu pai só se conhecem metades ou nem sequer são conhecidas. Por isso, contar a sua história implicou muitos riscos porque tinha que ser narrada com um enorme sentido de responsabilidade, pois lamentavelmente muito daquilo que já tinha sido

dito parecia encaixar na perfeição. Tenho a certeza de que o filtro de aço aplicado pela Planeta através do editor Edgar Téllez contribuiu para o bom sucesso deste projecto.

Estamos perante uma exploração pessoal e profunda das entranhas de um ser humano que, além de ser meu pai, liderou uma organização mafiosa que a humanidade desconhecia.

Peço publicamente perdão a todas as vítimas do meu pai, sem excepções; dói-me profundamente na alma que tenham sofrido os confrontos de uma violência indiscriminada e sem igual que provocou a morte de muitos inocentes. Do fundo da minha alma, digo a todas estas almas que hoje procuro honrar a memória de cada uma delas. Este livro foi escrito com lágrimas, mas sem rancores. Não tem qualquer intuito de denúncia, nem de vingança ou de desculpa para promover a violência e, muito menos ainda, não pretende fazer a apologia do delito.

Os leitores ficarão por certo surpreendidos com o conteúdo dos primeiros capítulos do livro, porque revelo pela primeira vez o profundo conflito que vivemos com os meus avós do lado paterno. Foram 21 anos de desencontros que me levaram a concluir que muitos deles contribuíram decisivamente para o desenlace final que conduziu à morte do meu pai.

Não estou enganado quando afirmo que a família do meu pai nos perseguiu mais do que os piores inimigos dele. Os meus actos para com eles tiveram sempre origem no amor e no respeito absoluto pelos valores familiares, que não se deveriam perder nem na pior das guerras nem, muito menos, por dinheiro. Deus e o meu pai sabem que eu, mais do que ninguém, sonhei e quis acreditar que esta dolorosa tragédia familiar fosse apenas um pesadelo e não uma realidade com a qual tivesse que me confrontar.

Agradeço ao meu pai a sua sinceridade sem rodeios, aquela que pela força do destino tive que compreender, mas que nada justifica.

Perante o meu pedido de perdão no documentário *Pecados de mi Padre*, os filhos dos líderes assassinados, Luis Carlos Galán e Rodrigo Lara Bonilla, disseram-me uma vez: «Você também é uma vítima» e a

minha resposta continua a ser a mesma desde então: se por acaso sou, sou o último da longa lista de colombianos.

O meu pai foi um homem responsável pelo seu destino, pelos seus actos, pelas suas opções de vida como pai, como indivíduo e – ao mesmo tempo – pelo bandido que infligiu à Colômbia e ao mundo umas feridas que não se esquecem. Sonho que um dia estas cicatrizem e se transformem em algo bom, para que ninguém ouse repetir esta história, mas antes aprender com ela.

Não fui um filho que cresceu a ser cegamente fiel ao pai, pois quando estava vivo critiquei-lhe duramente a sua violência e os seus métodos. Além disso, pedi-lhe de todas as maneiras possíveis que esquecesse os seus ódios, que depusesse as armas e que encontrasse soluções não violentas para os seus problemas.

Das muitas opiniões quanto à vida do meu pai, só há uma em que estamos todos de acordo: no seu amor incondicional por esta, pela sua única família.

Sou um ser humano que espera ser recordado pelos seus actos e não pelos do seu pai. Peço aos leitores que não se esqueçam de mim ao lerem os meus relatos e que não me confundam com o meu pai, porque esta também é a minha história.

JUAN PABLO ESCOBAR

Capítulo 1

A traição

A 19 de Dezembro de 1993, duas semanas após a morte do meu pai, continuávamos refugiados e fortemente protegidos no 29.º andar do *apart-hotel* Residencias Tequendama em Bogotá. De repente recebemos um telefonema de Medellín a informar-nos de um atentado contra o meu tio Roberto Escobar na prisão de Itagüí com uma carta armadilhada.

Preocupados, tentámos saber o que se passara, mas ninguém nos esclareceu. Os noticiários da televisão relataram que Roberto abriu um envelope de papel enviado a partir da Procuradoria, mas este explodiu e provocou-lhe ferimentos graves nos olhos e no abdómen.

No dia seguinte as minhas tias telefonaram e disseram-nos que a Clínica Las Vegas, para onde fora transferido de urgência, não dispunha do equipamento de oftalmologia necessário para o operar. Como se isto não bastasse, circulava o rumor de que um comando armado se dispunha a matá-lo no seu quarto.

Então a minha família decidiu transferir Roberto para o Hospital Militar Central de Bogotá porque não só estava mais bem equipado tecnologicamente como oferecia condições adequadas de segurança. Assim aconteceu e a minha mãe pagou os 3000 dólares que custou o aluguer de um avião-ambulância. Logo que confirmei que já estava

hospitalizado, resolvemos ir visitá-lo com o meu tio Fernando, irmão da minha mãe.

Quando saímos do hotel observámos surpreendidos que os agentes do CTI (Cuerpo Técnico de Investigación) da Fiscalía¹ que nos protegiam desde o final de Novembro tinham sido substituídos nesse dia, e sem aviso prévio, por homens da Sijin, os serviços secretos da Polícia em Bogotá. Não disse nada ao meu tio, mas tive o pressentimento de que poderia acontecer algo de mau. Noutras áreas do edifício, e desempenhando diversas tarefas relacionadas com a nossa segurança, viam-se agentes da Dijin e do DAS (Departamento Administrativo de Seguridad). No perímetro exterior a vigilância estava a cargo do Exército.

Duas horas depois de chegar às salas de cirurgia do Hospital Militar apareceu um médico que nos disse que era preciso uma autorização de um familiar de Roberto porque tinham de lhe remover os dois olhos, pois haviam ficado gravemente afectados após a explosão.

Recusámos assinar e pedimos ao especialista que, mesmo que as possibilidades fossem mínimas, fizesse o que estivesse ao seu alcance para que o paciente não ficasse cego, sem olhar a custos. Também lhe propusemos que mandasse vir o melhor oftalmologista, onde quer que este estivesse.

Horas depois, ainda anestesiado, Roberto saiu da sala de operações e transferiram-no para um quarto onde o esperava um guarda do Instituto Carcelario y Penitenciario, Inpec. Tinha a cara, o abdómen e a mão esquerda envolvidos em ligaduras.

Aguardámos pacientemente até que começou a acordar. Ainda entorpecido pela anestesia, disse-nos que via um pouco de luz mas não conseguia identificar qualquer figura.

Quando vi que já recuperara um pouco de lucidez disse-lhe que estava desesperado porque, se tinham atentado contra ele depois da morte do meu pai, o mais certo é a que a seguir seríamos nós: a minha mãe, a minha irmã e eu. Angustiado, perguntei-lhe se o meu pai tinha um helicóptero escondido para fugirmos.

¹ Órgão do poder judicial com funções semelhantes às do Ministério Público. (*N. do T.*)

A meio da conversa, interrompida pela entrada de enfermeiras e de médicos para o tratarem, perguntei-lhe várias vezes como poderíamos sobreviver ante a ameaça evidente dos inimigos do meu pai.

Roberto manteve-se calado por alguns segundos e depois mandou-me ir buscar papel e um lápis para apontar um dado.

– Anote isto, Juan Pablo: «AAA»; e vá já para a Embaixada dos Estados Unidos. Peça-lhes ajuda e diga-lhes que vai da minha parte.

Guardei o papel no bolso das calças e disse a Fernando para irmos à embaixada, mas nessa altura entrou o médico que operara Roberto e disse-nos que estava optimista, que fizera todos os possíveis para lhe salvar os olhos.

Agradecemos as diligências do médico e despedimo-nos para regressar ao hotel, mas disse-me taxativamente que eu não podia sair do hospital.

– Como assim, doutor? Porquê?

– Porque o seu guarda-costas não veio – respondeu.

As palavras do médico aumentaram a minha paranóia porque se estivera a operar não podia estar tão a par daquilo que se passava com o nosso esquema de segurança.

– Doutor, sou um homem livre, ou esclareça-me se estou aqui na qualidade de detido porque, seja como for, vou-me embora. Acho que está em marcha um plano para me matarem hoje. Já trocaram os agentes do CTI que nos protegiam – respondi muito assustado.

– Protegido, não detido. Neste hospital militar somos responsáveis pela sua segurança e só o podemos entregar à segurança do Estado.

– Doutor, aqueles que têm que responder pela minha segurança lá fora são precisamente os que vêm aí para me matar – insisti. – Assim, ou me ajuda com a autorização para eu poder sair do hospital ou terei que fugir daqui. Não vou entrar no carro daqueles que vêm para me matar.

O médico deve ter visto a minha cara de terror e, em voz baixa, disse-me que não tinha qualquer objecção e que assinava imediatamente a ordem para eu e o meu tio Fernando sairmos. Regressámos com muito cuidado às Residencias Tequendama e decidimos ir à embaixada no dia seguinte.

Levantámo-nos muito cedo e fui com o meu tio Fernando ao quarto do 29.º andar onde estavam alojados os encarregados da nossa custódia. Cumprimentei «A-1» e disse-lhe que precisávamos de acompanhamento para irmos à Embaixada dos Estados Unidos.

– Com quem vai ter? – perguntou com maus modos.

– Não tenho que lhe dizer a si com quem vou encontrar-me. Diga-me se nos vai dar protecção ou se tenho que chamar o procurador-geral para lhe dizer que você não quer proteger-nos.

– Neste momento não há homens suficientes para o levar lá – respondeu o funcionário da Fiscalía, aborrecido.

– Como é que não há pessoas, se aqui funciona um esquema permanente de segurança de cerca de quarenta agentes de todo o Estado e veículos destinados à nossa protecção?

– Pois se quer ir, vá, mas eu não o vou proteger. E faça-me o favor de assinar um papel em que renuncia à protecção que lhe estamos a oferecer.

– Traga o papel e eu assino-o – respondi.

«A-1» foi a outra divisão buscar um papel para escrever e nós aproveitámos esse momento para sair do hotel. Descemos a correr e apanhámos um táxi que levou 20 minutos a chegar à Embaixada dos Estados Unidos. Àquela hora, 8 da manhã, já havia uma longa fila de pessoas à espera para entrar na secção de vistos de viagem para esse país.

Eu estava muito nervoso. Abri caminho por entre as pessoas dizendo-lhes que ia tratar de um assunto diferente. Assim que cheguei à guarita de entrada tirei o papel com o Triplo A que Roberto me ditara e decidi colocá-lo contra o vidro escuro e blindado.

Num instante apareceram quatro homens corpulentos e começaram a fotografar-nos. Mantive-me em silêncio e dois minutos depois um dos que estava a tirar fotografias aproximou-se e disse-me para o acompanhar.

Não me pediram o nome, nem documentos, nem me revistaram e nem sequer passei pelo detector de metais. Era claro que o «Triplo A» se tratava de uma espécie de salvo-conduto e tinha-me sido dado pelo meu tio Roberto. Estava assustado. Talvez por isso nem me

ocorreu pensar que tipo de contacto tinha o irmão do meu pai com os norte-americanos.

Ia a sentar-me numa sala de espera quando apareceu um homem já de idade, com o cabelo quase branco e ar sério.

– Chamo-me Joe Toft, sou director da DEA¹ para a América Latina. Venha comigo.

Levou-me para um gabinete ao lado e, sem rodeios, perguntou-me por que tinha ido à embaixada.

– Venho pedir ajuda porque estão a matar a minha família toda... como você sabe, estou aqui porque o meu tio Roberto disse-me para contar que vim da parte dele.

– O meu governo não lhe pode garantir qualquer tipo de ajuda – disse Toft num tom seco e distante. – O máximo que posso fazer é recomendar-lhe um juiz dos Estados Unidos para que avalie a possibilidade de lhes oferecer residência no meu país em virtude de uma colaboração que você possa dar.

– Colaboração em quê? Eu ainda sou menor de idade.

– Você pode colaborar muito connosco... com informação.

– Informação? De que tipo?

– Sobre os arquivos do seu pai.

– Com a morte dele vocês mataram esses arquivos.

– Não estou a perceber – disse o funcionário.

– No dia em que vocês colaboraram na morte do meu pai. Os arquivos estavam na cabeça dele e ele está morto. Ele tinha tudo na memória. A única coisa que guardava em arquivos, em agendas, era informação sobre matrículas de automóveis e moradas onde viviam os seus inimigos do cartel de Cali, mas já há muito tempo que essa informação está em poder da polícia colombiana.

– Não, o juiz é quem decide se o aceitam lá ou não.

¹ Drug Enforcement Administration, departamento da polícia federal dos EUA encarregue da luta contra o tráfico de droga. (*N. do T.*)

– Então não temos mais nada para conversar, senhor. Vou-me embora, muito obrigado – disse ao director da DEA, que se despediu com poucas palavras e me entregou o seu cartão-de-visita.

– Se um dia se lembrar de qualquer coisa, não hesite em telefonar-me.

Saí da Embaixada dos Estados Unidos com muitas dúvidas. O inesperado e surpreendente encontro com o número um da DEA na Colômbia e na América Latina não servira para melhorar a nossa difícil situação, mas revelou algo que desconhecíamos: os contactos de alto nível do meu tio Roberto com os norte-americanos, os mesmos que três semanas antes ofereciam cinco milhões de dólares pela captura do meu pai, os mesmos que enviaram para a Colômbia um imenso aparato de guerra para o caçarem.

Parecia-me inconcebível pensar que o irmão do meu pai estivera ligado de alguma maneira ao seu principal inimigo. Esta possibilidade suscitava outras inquietações, por exemplo, que Roberto, os Estados Unidos e os grupos que integravam os Pepes (Perseguidos por Pablo Escobar) se tinham aliado para apanhar o meu pai.

A hipótese não era disparatada. Na verdade, fez-nos pensar num episódio ao qual não prestámos atenção na altura em que teve lugar e que ocorreu quando nós e o meu pai estávamos escondidos numa casa de campo no sector montanhoso de Belén, a Comuna 16 de Medellín. Foi quando sequestraram o meu primo Nicolás Escobar Urquijo, filho de Roberto, raptado por dois homens e uma mulher na tarde de 18 de Maio de 1993. Levaram-no do Motel Catíos, na estrada que liga os municípios de Caldas e Amagá, em Antioquia.

Ficámos a saber pelos noticiários quando estávamos escondidos nessa casa depois de recebermos o telefonema de um familiar. Imaginámos o pior porque já nessa altura e na sua ânsia por localizarem o meu pai, os Pepes haviam atacado numerosos membros das famílias Escobar e Henao. Por sorte, não passou tudo de um susto, porque cinco horas mais tarde, por volta das 10 da noite, Nicolás foi deixado em liberdade, sem um beliscão, perto do Hotel Intercontinental de Medellín.

Como cada dia que passava ficávamos mais incomunicáveis, o sequestro de Nicolás caiu no esquecimento, embora eu e o meu pai

nos perguntássemos como conseguira escapar vivo de um sequestro que, pela dinâmica daquela guerra, equivalia a uma sentença de morte.

Como é que o Nicolás se salvou? A troco de quê é que os Pepes o libertaram horas depois de o sequestrarem? É provável que Roberto tivesse resolvido fazer um pacto com os inimigos do meu pai em troca da vida do filho.

Confirmei esta aliança em Agosto de 1994, oito meses após a minha ida à Embaixada dos Estados Unidos.

Naquela altura, a minha mãe, a minha irmã Manuela, a minha namorada Andrea e eu fomos ver as ruínas e o pouco que restava de pé na Herdade Nápoles. Tínhamos autorização da Fiscalía para ir até lá porque a minha mãe devia encontrar-se com um poderoso *capo* da região para lhe entregar algumas terras do meu pai.

Numa dessas tardes, quando percorríamos a velha pista de aviação da propriedade, recebemos um telefonema da minha tia Alba Marina Escobar a dizer que tinha de falar connosco nessa mesma noite porque o assunto a tratar era muito urgente.

Dissemos logo que sim porque utilizou a palavra «urgente», que nos códigos da nossa família significa que alguém corre perigo de vida. Chegou nessa mesma noite à herdade e sem bagagem. Estávamos à espera dela na casa do capataz, a única construção que sobrevivera às rusgas e à guerra.

Os agentes da Fiscalía e da Sijin que nos protegiam ficaram à espera fora da casa e nós dirigimo-nos à sala de jantar, onde a minha tia comeu um prato de *sancocho*¹. Depois sugeriu que só eu e a minha mãe ouvíssemos o que tinha para nos contar.

– Trago-vos uma mensagem do Roberto.

– Que aconteceu, tia? – perguntei, nervoso.

– Ele está muito satisfeito porque há uma possibilidade de vos concederem o visto para os Estados Unidos.

– Que bom! Como é que ele conseguiu isso? – perguntámos e deve-se ter notado que a expressão dos nossos rostos mudara.

¹ Estufado de vaca e frango, típico da Colômbia. (N. do T.)

– Não é para já. Mas antes é preciso fazer uma coisa – disse num tom que me fez desconfiar.

– É muito simples... O Roberto esteve a falar com a DEA e pediram-lhe um favor em troca de vistos para todos vocês. A única coisa que têm de fazer é escrever um livro sobre o tema que quiserem, desde que nesse livro sejam mencionados o teu pai e Vladimiro Montesinos, o chefe dos serviços secretos de Fujimori, no Peru. Além disso, nesse livro tens de afirmar que o viste aqui em Nápoles a falar com o teu pai e que o Montesinos chegou de avião. O resto do conteúdo do livro não interessa.

– Não são assim tão boas notícias, tia – interrompi.

– Como não? Por acaso não querem os vistos?

– Uma coisa é a DEA pedir-nos para contarmos o que seja verdade e que eu não tenha problemas em contar, outra coisa é que me peça que minta com a intenção de causar um dano tão grande.

– Sim, Marina – interveio a minha mãe –, aquilo que nos estão a pedir é muito delicado, porque como é que vamos justificar umas afirmações que não são verdade!?

– E o que é que isso vos importa? Não querem os vistos? Se vocês não conhecem o Montesinos nem o Fujimori, qual é o problema em dizerem isso... aquilo que vocês querem é viver tranquilos. Estas pessoas mandaram-me dizer-vos que a DEA ficaria muito agradecida e que ninguém vos incomodaria nos Estados Unidos a partir desse momento. Também vos concedem a possibilidade de levarem dinheiro para lá e de o usarem sem problemas.

– Marina, não quero meter-me em novos problemas a testemunhar coisas que não são verdade.

– Ai, coitado do meu irmão Roberto, que está a fazer tantos esforços para vos ajudar e vocês recusam logo a primeira ajuda que ele consegue.

Muito aborrecida, Alba Marina foi-se embora da Herdade Nápoles nessa mesma noite.

Poucos dias depois deste encontro e já de regresso a Bogotá, recebi um telefonema. Era a avó Hermilda, que estava de visita a Nova Iorque,

na companhia de Alba Marina. Depois de me contar que viajara em classe turística, perguntou-me se eu precisava que ela me trouxesse qualquer coisa de lá. Ingénuo e ainda sem perceber o enorme significado daquilo que representava a presença da minha avó naquele país, pedi-lhe que me comprasse uns perfumes que eu não conseguia encontrar na Colômbia.

Desliguei surpreendido. Como era possível que a minha avó estivesse nos Estados Unidos sete meses após a morte do meu pai porque, pelo que me era dado saber, tinham sido cancelados os vistos às famílias Escobar e Henao?

Já eram alguns os acontecimentos em que os meus familiares apreciavam com ligações não claras aos inimigos do meu pai. No entanto, quando lutamos pela defesa da nossa vida, deixamos o tempo passar, ficamo-nos pelas suspeitas e não as investigamos a fundo.

Passaram-se vários anos e, já radicados na Argentina, onde tínhamos ido parar após o exílio, ficámos assombrados quando vimos num telejornal a notícia de que o presidente do Peru, Alberto Fujimori, se escapara para o Japão e renunciara ao cargo de presidente por uma notificação via fax.

A surpreendente demissão de Fujimori, após dez anos de governo, tivera lugar uma semana depois de a revista *Cambio* ter publicado uma entrevista na qual Roberto afirmava que o meu pai financiara com um milhão de dólares a primeira campanha presidencial de Fujimori, em 1989.

Também garantia que o dinheiro tinha sido enviado através de Vladimiro Montesinos que, segundo ele, visitou por várias vezes a Herdade Nápoles. O meu tio adiantou ainda à revista que Fujimori se tinha comprometido a facilitar que o meu pai traficasse a partir do seu país assim que assumisse a presidência. Na parte final da entrevista esclareceu que não tinha provas daquilo que afirmava porque, segundo ele, a máfia não deixa marcas das suas acções ilegais.

Semanas depois foi lançado o livro *Mi Hermano Pablo*, de Roberto Escobar, com 186 páginas, da editora Quintero Editores, no qual são «recriadas» as relações do meu pai com Montesinos e Fujimori.

Em dois capítulos, Roberto narra a visita de Montesinos à Herdade Nápoles, a maneira como o meu pai traficava cocaína, a entrega de um milhão de dólares para a campanha de Fujimori, os telefonemas de agradecimento do novo presidente para o meu pai e a oferta de colaboração pela ajuda económica prestada. No final, há uma frase que me chamou a atenção: «Montesinos sabe que eu sei. E Fujimori sabe que eu sei. Por isso caíram os dois.»

Roberto relata episódios nos quais garante ter estado presente, mas que nem eu nem a minha mãe alguma vez vimos ou ouvimos.

Não sei se se trata do mesmo livro que sugeriram que escrevêssemos para obtermos os vistos para os Estados Unidos. A única certeza sobre este assunto chegou de maneira acidental no Inverno de 2013, através do telefonema de um jornalista estrangeiro a quem dera conta das minhas suspeitas por várias vezes.

– Sebas, Sebas, tenho que te contar uma coisa que acaba de me acontecer e não posso esperar até amanhã!

– Conta, o que aconteceu?

– Acabo de jantar aqui em Washington com dois antigos agentes da DEA que participaram na perseguição ao teu pai. Reuni-me com eles para falar da possibilidade de estar contigo e com eles numa futura série de televisão para os Estados Unidos sobre a vida e a morte de Pablo.

– Tudo bem. Mas o que aconteceu? – quis saber.

– Sabem muito do assunto e houve oportunidade para eu lhes falar da tua teoria sobre a traição do teu tio, daquela de que já falámos. É verdade! Eu não queria acreditar quando me confessaram a colaboração directa dele na morte do teu velho.

– Vês que eu tinha razão!? Caso contrário, como explicar que os únicos exiliados da família de Pablo Escobar sejamos nós? Roberto viveu sempre tranquilo na Colômbia, tal como as minhas tias, sem que ninguém lhes toque ou persiga.